

Entrevista a Nuno Sacadura

GD: De que gosta muito?

Com o avançar da idade, começamos a dar maior valor à família e às pessoas que nos são queridas. Aprecio muito as qualidades das pessoas com quem me cruzo, seja no banco, nas aulas, no meu dia-a-dia. Empatia, Respeito e Honestidade são qualidades que não me deixam ficar indiferente com as pessoas.

GD: O que detesta ou o irrita muito?

Prepotência e arrogância são defeitos que não suporto. Infelizmente, ao longo deste percurso a que chamamos vida, já me cruzei com algumas pessoas com essas características.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Um passo a mais – sinto que a sabedoria vem com a idade. Como diria o António Variações, «A vida é sempre uma curiosidade que me desperta com a idade.»

GD: Em pequeno era uma criança difícil?

Acho que não: normalmente tinha boas notas, e os meus pais não se queixavam. Eu e os meus irmãos tivemos a sorte de ter sido educados por pais extraordinários, que nunca nos faltaram e souberam transmitir princípios, valores e comportamentos que perduram.

GD: Ainda estamos no início, e vem aqui já uma difícil. Se uma imagem vale mais que mil palavras, quanto vale o silêncio de um abraço sentido?

Um abraço sentido é aquele que consegue expressar um infinito de sentimentos em silêncio, e que, à medida que envelhecemos, maior valor lhe damos. Felizmente, já dei e recebi abraços sentidos de pessoas que me dizem muito. São momentos e sentimentos guardados na minha memória, e que me reconfortam nas circunstâncias difíceis.

GD: Em 2002, ao ISCTE/CEMAF para concluir a pós-graduação em Mercados e Activos Financeiros; em 2007, à Católica, para concluir primeiro o Master in Finance, e depois o Mestrado em Finanças. E finalmente, em 2012, de novo ao ISCTE, para o doutoramento em Gestão. Já percebemos que é um homem de desafios e de objectivos. Qual é o próximo?

Ainda me falta concluir o doutoramento, apesar de ter completado três anos. A tese ainda está para ser fechada. Mas diria que esse está na lista. Adicionalmente, gostava de continuar a contribuir para a literacia financeira com a publicação de mais livros sobre finanças. A neurociência diz que o cérebro necessita de objectivos e desafios para se manter activo e a funcionar; procuro ter sempre os meus actualizados. Um dos meus maiores medos é deixar de ter a capacidade de pensar.

GD: Nada acontece por acaso; e de repente é o Nuno que se encontra a dar aulas e a oferecer conhecimento aos seus alunos. O que pesou mais na balança desta decisão: o sonho do seu avô ou o sentimento de uma vocação que esteve sempre presente?

Antes de começar a dar aulas e já a trabalhar na Banca, o meu avô paterno dizia-me frequentemente: «Nuno, tens um dom para ensinar, um dia vais ser professor», era o seu sonho e a minha vocação encoberta. Infelizmente, já não estava entre nós quando comecei a ensinar, mas sei que me acompanha todos os dias, e sobretudo cada vez em que entro numa sala de aula. Diria que foi uma mistura feliz e equilibrada na balança da decisão.

GD: Quem é o seu ídolo?

Em termos políticos, Winston Churchill. Se existe Europa democrática e plural, deve-se ao seu papel estóico durante a II Guerra Mundial («nunca tantos deveram a tão poucos»). É um período negro da História de que nunca nos devemos esquecer.

Apesar de ter recebido uma educação católica praticante, tenho-me afastado da Igreja ao longo do tempo; no entanto, admiro o Papa Francisco. Revejo-me nas suas mensagens de Paz, Esperança e Solidariedade, principalmente em tempo de guerra, algo que não víamos na Europa há mais de 50 anos.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

Não podia estar mais de acordo. O estudo, a dedicação, a perseverança, o comportamento – são 90% do sucesso. Depois, há 10% que dependem das oportunidades que surgem.

GD: Nunca lhe passou pela cabeça dedicar-se em exclusivo à arte da escrita ou à mestria do ensino?

A arte da escrita é um interesse relativamente recente, ainda só tenho um livro publicado, e algumas publicações científicas. A mestria do ensino é uma vocação. No entanto, eu gosto, mesmo muito, de trabalhar no BPI. Ao longo do tempo, surgiram vários convites e sempre recusei sair do Banco. Gosto muito da equipa com que trabalho – algumas das pessoas trabalham comigo há 15 anos, e já passaram a fronteira de colegas para amigos. Para além disso, entendo-me muito bem com as outras equipas de Mercados Financeiros e com a responsável do departamento, que é uma pessoa com qualidades humanas extraordinárias.

Para além disso, o Banco tem um accionista maioritário com um papel muito relevante na sociedade, a Fundação LaCaixa. Sinto-me bem ao pensar que o produto do meu trabalho vai contribuir de alguma forma para um retorno de rendimento à sociedade e àqueles que mais necessitam, através da actividade da Fundação.

GD: O que é que gostava que durasse sempre?

Gostava que algumas pessoas fossem eternas.

GD: E o que é um dia perfeito?

Lou Reed sempre definiu muito bem um dia perfeito. Os problemas deixados de lado, um passeio no parque, e, mais tarde, um bom filme na companhia de alguém especial. Só se esqueceu de um jogo de futebol a terminar com uma vitória do Sporting.

GD: Se atribuíssemos apenas uma parte do dia para o acto de meditar, qual seria o período por si escolhido? Imediatamente antes de dormir ou logo depois de acordar?

Logo depois de acordar. No início não acreditava muito em meditação. Mas depois de uma conferência, aqui no banco, sobre *mindfulness*, percebi alguns resultados. Aliás, o meu amigo Rui Louro já me mostrou o efeito das taças tibetanas. Quando preciso, uso aquela técnica de concentrar a atenção na respiração durante 2 minutos, de forma a libertar o *stress*.

GD: Nuno, nós aqui no Grupo Desportivo fazemos o trabalho de casa, e dos vários nomes sonantes que teve como professores (Rui Pedras e Medina Carreira no IESF; o Prof. António Gomes Mota e João Pedro Nunes no ISCTE; o Prof. Nuno Fernandes e António Sampaio e Mello na Católica), há algum que lhe ofereça melhores memórias?

Tenho uma admiração muito grande por todos eles, e influenciaram-me de alguma maneira. Recordo com saudade as aulas do Prof. Gomes Mota, que apenas com um quadro branco e uma caneta, conseguia ensinar derivados, de forma simples e clara, transformando uma aula de 2 horas numa aula onde não se sentia o tempo passar. O Prof. Nuno Fernandes, para além de ter sido meu orientador de mestrado, é um bom amigo.

GD: Na vida qual é mesmo a regra do jogo?

Na vida não vale tudo. O respeito pelos outros é fundamental para vivermos em sociedade.

GD: É homem para verter duas lágrimas ao ver um filme que o emocione?

Sim, alguns filmes já me levaram uma ou outra lágrima. Não esqueço a primeira vez que vi a *Lista de Schindler* e o impacto que isso me causou.

GD: Um dos grandes prazeres da leitura é que uma viagem literária consegue levar-nos a todo o lado, sem que saíamos do mesmo lugar. Qual é a sua viagem de sonho?

Há sempre viagens de sonho: Route66, Las Vegas, São Petersburgo... Mas talvez realizar a célebre viagem do Expresso do Oriente. Sempre adorei viagens de comboio, muito mais do que avião, e ainda sou influenciado pelo romantismo dos anos 20 e pelos livros de Agatha Christie.

GD: É daquelas pessoas que não conseguem ir dormir sem passar os olhos pelo livro que está na mesa-de-cabeceira?

Não sei viver sem leitura, e tenho como objectivo ler pelo menos 15 livros por ano. Terminei neste mês o *Esplendor e a Infâmia*, do Erik Larson, sobre os anos difíceis de Churchill, em 1940 e 1941. Neste ano, adorei o *Um Gentleman em Moscovo*, de Amor Towles, romance fabuloso sobre a vida de um aristocrata preso num hotel no início da revolução russa, e o *Built on a Lie: Rise and Fall of Neil Woodford*, de Owen Walker.

GD: Tem ideia de um bom conselho que alguém lhe tenha dado?

Lembro-me do meu avô materno – sentado na sua poltrona na biblioteca de Cabanas, com mais de 8000 livros, e que existe desde os tempos dos meus tetravós – me dizer: «Aprende a pensar por ti mesmo», isto é, procura ouvir os outros, os factos, pondera, e, a partir daí, toma a decisão por ti e assume-a.

GD: Que memórias guarda dos seus avós?

O meu avô materno, com 7 filhos e 18 netos, durante muitos anos director da fábrica da Citroën em Mangualde, soube transmitir-me os valores da Honestidade, da Ética e da importância da Família; e o meu avô paterno, com 2 filhos e 5 netos, serviu a causa pública, no Ministério das Finanças e no da Agricultura, durante 60 anos, os valores da Lealdade, Responsabilidade e Tolerância pelo próximo. A candura da avó paterna, hoje com 94 anos, continua a ser um farol que me guia.

GD: Se tivesse de optar entre um concerto de Linkin Park e um concerto de Tony Carreira, o que decidia?

Ah, ah, ah!; adoro concertos, e sempre que posso vou ver. Antes da covid, tinha visto num ano, Pearl Jam, Imagine Dragons, The Killers. À sua pergunta respondo obviamente Linkin Park, infelizmente já sem o Chester Bennington, que nos deixou de forma muito precoce.

GD: Qual a sua opinião sobre este tipo de conversas, ou sobre esta rubrica do Grupo Desportivo?

Este tipo de iniciativa é muito importante para podermos conhecer outro lado dos colaboradores do Banco. Conheço pessoas no BPI que são excepcionais, não só pelo que fazem pelo Banco, mas sobretudo pelas suas actividades fora do Banco. Esta rubrica é uma forma de partilhar este conhecimento.

GD: Então e como é que pouco tempo depois de se licenciar no IESF se encontra a colaborar na criação de um banco de raiz?

Foi uma experiência que ainda hoje recordo com saudade, a oportunidade de estar presente na criação de um banco de raiz. No início, éramos cerca de 20 pessoas, administradores incluídos, e estava quase tudo por fazer. Desde o *trading* até ao registo e liquidação de operações no *backoffice*, passando pela contabilidade, operações do *corporate finance*, corretagem. Como um dos mais novos do banco, ajudava onde era preciso, e assim fui conhecendo várias áreas da banca de investimento. Foi uma autêntica segunda escola, onde trabalhei com pessoas que tinham já uma enorme experiência; aprendi muito com o Raul Marques e com o António Coutinho. Entrava no banco às 8.30h e nunca saía antes das 22.00h; como costumava dizer, ganhava subsídio de almoço e de jantar.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

Ficaria muito satisfeito se tivesse conseguido fazer a diferença em pelo menos um dos meus alunos, e já tive mais de 1000. Tal como outros professores me marcaram, gostaria de conseguir continuar a transmitir esse legado para as novas gerações.

GD: Assim que se licenciou, foi trabalhar para a banca como técnico de organização. Ainda se lembra do primeiro dia de trabalho no Banco Mello?

Tudo era novo para mim, algum nervosismo, e não tinha dormido nada na véspera. Depois correu muito bem, e foi um “admirável mundo novo”. Houve pessoas que me ajudaram a integrar-me na cultura do Banco, e foi uma mudança radical em relação ao que estava habituado na faculdade.

GD: Considera-se uma pessoa metódica e organizada?

Gostava de ser mais metódico e organizado. Felizmente, em casa tenho quem me ajude nesse capítulo. Sou totalmente oposto no trabalho, onde me considero metódico e organizado.

GD: Como é que, de repente, se vê a dar aulas em Cabo Verde?

Ao longo de 12 anos de ensino, tive a oportunidade de ensinar não só em Portugal, como também em Cabo Verde (ISCEE). A experiência de ensinar em Cabo Verde trouxe-me uma realização interior muito grande. Costumo tirar férias para dar aulas lá, de 2 em 2 anos, e dou uma unidade curricular intensiva de gestão de activos e passivos no Mestrado em Gestão de Instituições Financeiras.

GD: Encontra diferenças na forma como a sua mensagem é recebida, lá e cá?

É surpreendente, porque noto um interesse enorme e uma sede de conhecimento nos meus alunos em Cabo Verde, um país insular tão pequeno com 7 bancos, para além das parabancárias. A experiência é sempre gratificante porque as aulas são muito discutidas, e os alunos são altos quadros dos vários bancos concorrentes de Cabo Verde. Lembro-me de numa das edições ter como aluno um dos administradores do banco central. De repente tenho numa sala de aula os principais actores do sector a discutir modelos de gestão de activos e passivos, e formas de utilização de derivados no balanço dos bancos.

GD: É sabido que já os imperadores romanos, para garantirem uma parte da colheita de trigo no ano seguinte, entravam em negociações com o Egipto. Podemos assim concluir que esta coisa dos produtos derivados já vem de muito longe. Considerando que já na Antiguidade se faziam contratos parecidos com aquilo a que agora se chama *forwards* sobre *commodities*, como se explica que o conhecimento das pessoas sobre estas matérias seja tão residual?

Os instrumentos derivados foram uma das mais inteligentes invenções do Homem para lidar com riscos financeiros. Existem desde a Antiguidade Clássica, e os romanos perceberam muito bem isso. Os derivados, essencialmente após a queda dos acordos de Bretton Woods em 1972, tiveram um crescimento exponencial, e levaram às maiores perdas financeiras de que há memória. O denominador comum a casos como a LTCM (2000), Barings Bank (1992), Société Generale (2007), Morgan Stanley (2009), Archegos Capital (2021) só para citar alguns, é a utilização indevida, ou em alguns casos fraudulenta, de derivados. Aliás, não é só no estrangeiro, basta pensar o que aconteceu no caso dos *swaps* de taxa de juro negociados por algumas empresas públicas portuguesas. Existe, portanto, a necessidade de conhecimento para evitar estes casos que trazem consequências graves para o mundo financeiro, e não só.

Há um problema de conteúdos programáticos que vem de base, onde os temas de derivados são incluídos em formações avançadas de finanças, e, muitas vezes, ignorados, ou abordados de forma ligeira, em programas de cursos de gestão geral, por exemplo.

GD: Considerando que temos das melhores escolas de finanças da Europa, podemos dizer que é um paradoxo o facto de o estudo do BCE, realizado em 2020 sobre literacia financeira na zona euro, ter indicado que Portugal é o último país do *ranking* (19.º). Como é que o Nuno acha que se consegue combater e inverter esta realidade?

Acredito em que a resolução deste problema passe por várias medidas, como, por exemplo, uma unidade curricular obrigatória no ensino secundário para ensinar finanças básicas. Aliás, existem vários estudos que mostram que o aumento da literacia financeira tem impacte na redução do incumprimento do crédito bancário. É de todo o interesse do sector bancário a promoção da redução da iliteracia financeira.

GD: Foi a constatação dessa iliteracia que lhe espoletou a vontade de publicar um livro sobre derivados?

Sim, sem dúvida. Mas, também, outros factores: a escassa literatura em português sobre derivados; a amizade com os meus co-autores, com visões diferentes do mercado financeiro (um no banco público, outro no regulador); a insistência de muitos alunos em sintetizar num livro as matérias que ensino nas aulas.

GD: Qual foi a sensação que teve quando viu o seu livro nas bancas?

Uma sensação de objectivo cumprido, e a necessidade de rapidamente estabelecer outro.

GD: Qual é o público-alvo do seu livro?

Destina-se a estudantes de Finanças, profissionais que necessitem de actualização de conhecimentos e a todos aqueles que pretendam compreender melhor uma área essencial das finanças empresariais e dos mercados financeiros.

GD: Os derivados são acordos bilaterais entre um comprador e um vendedor, e existem como forma de reduzir o impacto de situações adversas cujo resultado não é conhecido no momento presente. No fundo, funcionam como um seguro, tal como as opções, que, sendo um contrato entre duas partes, conferem um direito ao comprador, mas não uma obrigação. Sendo assim faz sentido que se utilizem opções para especulação?

Claro que faz sentido. Aliás, o papel da especulação em qualquer activo é fundamental para haver liquidez. Se não houver especuladores, vamos ter um problema de liquidez e provavelmente não temos mercado. São as visões contrárias entre comprador e vendedor que permitem gerar a eficiência nos mercados financeiros. Infelizmente, é uma visão que poucas entidades têm.

GD: Onde é que gostava de estar daqui a 10 anos?

Terei 57 anos, espero continuar a contribuir para a performance do Banco, a transmitir conhecimentos aos meus alunos, e a ajudar na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

GD: Salta da cama, ou é mais de fazer um bocadinho de ronha?

Salto da cama. Nunca fui de dormir muito de manhã. É caricato, mesmo ao sábado e ao domingo nunca me levanto depois das 8.00h.

GD: Acorda bem-disposto, ou só depois das 10.00h?

Normalmente acordo bem-disposto, mas o café é essencial até às 9.00h.

GD: Se lhe oferecerem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

Limonada, não costumo beber álcool.

GD: Por falar em ofertas, o que é que a idade nos oferece?

Experiência, sabedoria, ponderação.

GD: E o que é que ela nos tira?

Tempo, um dos bens mais preciosos que temos.

GD: Em tempos, o prof. Manuel Sérgio disse que “quem só teoriza, não sabe; e quem só pratica, repete”. Acha que faz sentido esta frase?

É uma frase que me persegue ao longo da vida. Sempre que regresssei à universidade foi para não ficar apenas a repetir. Actualmente, tenho o privilégio de não só teorizar, como também de praticar.

GD: Se o euromilhões lhe proporcionasse 100 milhões de euros, o que fazia?

O investimento deve ser feito de forma ponderada e pensada, tendo em conta um conjunto de objectivos, em termos de risco aceitável, rendibilidade esperada e maturidade de investimento. Das várias classes de activos, e no longo prazo, a história ensina-nos que nada supera o investimento em acções, isto é, em capital próprio das empresas. E a economia prospera e agradece com essa forma de financiamento. Com o advento da gestão passiva, e hoje discute-se muito esta problemática (gestão activa ou passiva dos investimentos), seguiria o mesmo conselho que Warren Buffett deu à sua mulher, Susan, para quando ele deixar este mundo: «10% em obrigações do tesouro de curto prazo e 90% num fundo-índice (ou ETF) com custo baixo sobre o S&P500». Faltaria só resolver o problema do risco cambial do USD, o que não seria muito problemático com derivados.

GD: Qual é o principal sentimento que assola uma pessoa que tem a responsabilidade de gerir activos do banco, no momento em que tem conhecimento de que dois aviões acabam de embater nas torres gémeas?

Eu não tive a responsabilidade de gerir os activos do banco, mas, sim, de os avaliar e valorizar nas carteiras dos fundos de investimento. Houve períodos muito difíceis, lembro-me desse, mas também da altura do *sub-prime* e na crise das dívidas soberanas, quando os mercados obrigacionistas deixaram de ter liquidez. Foram tempos com dificuldades acrescidas de valorização de produtos que não se negociavam em bolsa, e que necessitavam de valorização diária, dado que os fundos de investimento eram subscritos e resgatados diariamente nos balcões do banco.

GD: Depois de uma derrota em Alvalade a melhor forma de abordar o Nuno Sacadura, quando ele chega a casa é... não dizer uma palavra, apresentar um chá de erva cidreira e um comprimido para a dor de cabeça, ou um copo de uísque com duas pedras de gelo?

É não dizer mesmo uma palavra. E o melhor é voltar a haver jogo rapidamente. Infelizmente, nos últimos anos não tem sido fácil.

GD: Há algum interesse em saber o preço de um *forward* sobre um activo que não gera rendimento? 😊

Em termos teóricos, sim, apesar de o factor de capitalização de preço do activo subjacente ser quase zero em cenários de taxa de juro nula ou baixa.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

A minha mais que tudo e parceira desta caminhada... E de repente, já passaram 27 anos.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

Sem dúvida para a árvore. Das várias coisas que fui aprendendo, uma delas foi o MBTI (tipologia de personalidade, desenvolvida por Myers e Briggs, baseadas na teoria do psiquiatra Carl Jung). O meu teste de personalidade foi bem claro, sou ISTJ, ou seja, alguém que, entre outras características, confia muito em informações concretas e palpáveis, e menos nas intuitivas. Tenho tentado moderar esta característica mais vincada, ao longo do tempo, quando tomo decisões da minha vida pessoal e profissional.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Acredito na capacidade de mudar; aliás, é a nossa condição, como seres humanos, de nos transformarmos e adaptarmos, que possibilita a nossa sobrevivência. Isto está muito presente na nossa vida quotidiana. Basta pensarmos na revolução tecnológica e no que isso implicou em termos de revolução laboral: houve funções que desapareceram e outras que foram criadas, e se não nos adaptássemos ou acreditássemos apenas no destino, iríamos falhar como sociedade. Um economista austríaco, Schumpeter, define este conceito de adaptação à mudança muito bem, chamando-lhe a «destruição criadora».

GD: Tem saudades de quê?

Saudades das férias de Setembro, na casa dos meus avós em Cabanas de Viriato, perto de Viseu, das brincadeiras com os meus primos, das longas conversas com o meu avô paterno, das tardes de *snooker* no Vergas, de conversas com pessoas que já partiram.

GD: O que queria ser quando era menino?

Tive vários sonhos de menino – um deles era de jogar futebol no Sporting, por grande influência do meu pai e do meu avô paterno; mas depois percebi – nos jogos de futebol que fazia nos Salesianos, e, mais tarde, no Liceu de Pedro Nunes – que não tinha muito jeito. Era sempre quem ia à baliza ou à defesa, ah!, ah!, ah!

GD: O que quer ser quando for velhinho?

Gostava de poder olhar para trás, ter a consciência tranquila e dizer: «Missão cumprida».

GD: E hoje, quem queria ser?

O Nuno Sacadura. Sinto-me bem comigo próprio, penso que já fiz algumas coisas. mas tenho ainda muito mais para fazer. Um escritor e pensador uruguaio que muito admiro, Eduardo Galeano, disse: «Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos.» Tal como Galeano, procuro fazer para mudar e aperfeiçoar quem sou.

GD: Em criança, um dos desejos mais idiotas que nos ocorrem é o de querermos que rapidamente chegue a idade que permita sermos tratados como adultos. Este também fez parte dos seus?

Talvez, naquela idade parva, isto é, dos 13 aos 17 – em que queremos tudo: guiar automóvel, sair à noite, votar, não ir de férias com os pais, etc. Mas são fases que todos acabamos por passar.

GD: Aos 47 anos, o que é que se sabe que não se sabe?

Confúcio diz-nos que o conhecimento consiste em termos a consciência tanto de conhecer uma coisa, como de não a conhecer. Sei que sei mais do que ontem, e menos do que amanhã.

GD: Por falar em saber, quem sabe os seus segredos?

Gabriel García Márquez, o maior escritor colombiano de sempre, dizia: «Todos os seres humanos têm três vidas: a pública, a privada e a secreta.» A vida pública é aquela que é exposta no nosso quotidiano, nas redes sociais, nas relações profissionais, e de conhecimento mais ou menos geral. A vida privada é aquela que é do conhecimento dos nossos familiares, amigos e pessoas mais próximas. A vida secreta é aquela que só nós conhecemos, que inclui sentimentos e pensamentos, e essa é só nossa.

GD: Quem é o seu maior fã?

A minha mãe. Sem dúvida, se há pessoa a quem eu devo mais é a ela.

GD: Fale-me de alguns pequenos prazeres.

A estreia de um novo filme do James Bond ou do Star Wars; um almoço no Búzio na Praia das Maças ou nas Furnas do Guincho; o entardecer na Zambujeira; a carne de porco à alentejana na Tasca do Celso em Milfontes; um concerto dos U2; a descoberta de um país novo.

Curtas e Rápidas

GD: Teatro ou cinema?

Cinema, sempre que posso vou mesmo ver os filmes a uma sala.

GD: Prosa ou verso?

Prosa.

GD: Tem mais prazer quando ganha ao Benfica ou ao Porto?

Ao Benfica – é sempre o *derby* eterno da cidade de Lisboa. Jamais seríamos grandes sem o grande rival.

GD: Primavera ou Verão?

Primavera, adoro os dias maiores sem muito calor. As minhas alergias costumam queixar-se nesta altura.

GD: Beijo ou abraço?

Abraço.

GD: *Jazz* ou *rock*?

Rock

GD: Manhã ou tarde?

Manhã

GD: 25 de Abril?

Liberdade. Não concebo viver num regime sem liberdade.

GD: Séries ou filmes?

Depende se são bons e me prendem a atenção.

GD: *Croissants* ou pão de Mafra?

Croissants, em especial do Careca ou da Choupana.

GD: Artur Santos Silva?

A escola bancária em Portugal nasce no BPA. O Artur Santos Silva é um exemplo, uma referência e a quem Portugal e o sector bancário muito devem.

GD: Almoço ou jantar?

Almoço

GD: O filme mais... mais... mais...?

Casablanca, sem esquecer os *guilty pleasures*: as sagas Star Wars e James Bond.

GD: Bruno de Carvalho?

Sou sócio há 31 anos... fez um bom primeiro mandato e depois perdeu-se. O estádio de Alvalade tinha sempre assistências acima de 40 000 no seu tempo, algo que não vejo nos tempos actuais.

GD: Grupo Desportivo BPI?

Um papel fundamental na aproximação dos colaboradores do Banco BPI.

Por Rui Duque, 12-02-2023